

Educação Permanente Em Saúde Em Serviços De Urgência E Emergência Hospitalar

Jordana Tirloni Da Silva

Nutricionista, Especialista em Atenção ao Paciente Crítico: Urgência, Emergência e UTI, Centro Universitário Internacional Uninter, Passo Fundo, RS, Brasil.

Lucia Cristina Vriesmann

Farmacêutica-Bioquímica, Mestre e Doutora em Ciências-Bioquímica, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Centro Universitário Internacional Uninter.

RESUMO

A Educação Permanente em Saúde (EPS) em serviços de urgência e emergência hospitalar é vista como um conhecimento enriquecedor que qualifica o profissional da área da saúde. Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão da literatura com o objetivo de mostrar a importância da inserção da EPS em serviços de urgência, emergência e UTI. Foi realizado um levantamento bibliográfico do período de 2011 a 2018 nas bases de dados Scielo, LILACS e Google Acadêmico. A precariedade em ensino baseado nos atendimentos e serviços prestados aos indivíduos revela o quanto se torna necessário o aprofundamento e abrangência em uma temática exata aos profissionais dedicados à saúde. A EPS em âmbito hospitalar beneficia o atendimento, atribuindo na execução ao trabalho à sociedade, enfrentando situações distintas com extrema destreza e aptidão, levando em consideração de que um profissional constantemente qualificado transmitirá com ênfase seu discernimento. Assim, essas informações podem contribuir para preconizar o interesse pelo conhecimento transmitido à sociedade, idealizando algo digno e qualificado, propondo ações de promoção destinadas aos usuários da saúde e seguindo os princípios de equidade.

Palavras-chave: Educação continuada. Educação em saúde. Humanização. Serviços hospitalares. Hospital. Revisão.

ABSTRACT

The Permanent Education in Health (EPS) in emergency services and hospital emergency is seen as an enriching knowledge that qualifies the health professional. The objective of this study was to review the literature with the purpose of showing the importance of EPS insertion in emergency, emergency and ICU services. A bibliographic survey was carried out from 2011 to 2018 in the Scielo, LILACS and Google Academic databases. The precariousness in teaching based on the services and services provided to the individuals reveals how it becomes necessary to deepen and comprehend in an exact thematic to the professionals dedicated to health. The EPS in the hospital scope benefits the service, attributing in the execution to the work to the society, facing different situations with extreme skill and aptitude, taking into

account that a constantly qualified professional will convey with emphasis his discernment. Thus, this information may contribute to the interest in the knowledge transmitted to society, idealizing something dignified and qualified, proposing promotional actions for health users and following the principles of equity.

Key-words: Continuing education. Health education. Humanization. Hospital services. Hospital. Review

INTRODUÇÃO

As entidades hospitalares concebem um cenário composto de grande parte por profissionais da área da saúde. Diante disso, a transição vem acontecendo gradativamente, por meio de mudanças em relação ao serviço prestado e a atenção à saúde, onde encaixa a implantação da Educação Permanente em Saúde (EPS) como estratégia ao ensino (LAVICH et al., 2017).

A EPS é constituída como estratégia fundamental para as modificações no ambiente de trabalho hospitalar, a fim de que esse meio transmita algo inovador e atributivo aos indivíduos (FAGUNDES et al., 2016).

A EPS possibilita ao profissional da saúde constante transformação e aprendizagem no trabalho fortalecendo seus conhecimentos. Levando em consideração que a inserção do ensino em meio hospitalar traz em comum um saber transformador e significativo, é indispensável à qualificação do profissional, trazendo à tona a realidade para aprender transformá-la (CAMPOS; SENA; SILVA, 2017).

No ano de 2007, foi publicada a Portaria nº 1.996, que comprovou a Política Nacional de EPS e determinou recentes diretrizes e estratégias para que fosse efetivada, observando as características de cada região e, especialmente, as exigências de formação e de progresso para o trabalho em saúde (CAMPOS; SENA; SILVA, 2017), entusiasmando igualmente a valorização do trabalho em saúde como fonte de aprendizagem, possibilitando práticas coesas de gestão e controle social, assim tal que a construção de processos qualifiquem o serviço prestado (FAGUNDES et al., 2016).

A Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS) salienta a precisão de que o profissional atue em práticas educativas, sejam elas em estado de cursos, palestras, *workshop* ou eventos dessa característica, cuja destinação seja profissionalizante ou até mesmo para enfrentar percalços do seu habitual trabalho (SILVA; MATOS; FRANÇA, 2017). Para Miccas e Batista (2014), a EPS é planejada como mecanismo de transformar o profissional de saúde em um intrínseco experiente da sua realidade local.

Na concepção do aluno-trabalhador, o conhecimento de adultos leva a incógnita de saber por que deve aprender determinados assuntos e o quão benéfico será, que quando, orientados e estimulados sentirão a necessidade de inclusão e irão perceber a dimensão para o novo conhecimento que é o que move o aprendizado (TOBASE et al., 2013). Sabe-se que o fator ouro é motivar os atores (profissionais) envolvidos, o último e não menos importante é aproximar a educação com as ações de costume, levando em conta as necessidades da organização do serviço e a qualificação assistencial prestada (COELHO et al., 2013).

Porém para Figueredo et al. (2014), nota-se que os profissionais da saúde em determinados momentos mostram-se descabidos ao participar de cursos voltados a educação, nos quais não recebem o reconhecimento, alegando o baixo estímulo, a longa duração, falta de instrução, agendamento em dias “impróprios” ou em horários incabíveis que necessitam o uso de transporte para locomoção e até mesmo a precariedade em organização e planejamento da educação.

Por isso, é necessária uma constante mudança, como cativar o interesse pela busca da educação permanente em meio hospitalar, mostrar o reconhecimento, adentrando aos assuntos mais pertinentes, anexar a utilidade ao essencial, para que haja um constante fortalecimento pelo ensino, minimizando os desafios e garantindo boas práticas assistenciais (FIGUEREDO et al., 2014)

Portanto, este trabalho objetivou diante dos fatos apontados que torna-se necessário conhecer a importância da inserção da EPS em serviços de

urgência, emergência e UTI, estimular o interesse à educação permanente aos profissionais da saúde, como ligação ao conhecimento ilimitado para aprimoramento em serviços de saúde, proporcionar o aperfeiçoamento na área de atuação dos profissionais que prestam serviços de saúde em meio ao seu processo de trabalho e valorizar o profissional da saúde para favorecer o seu crescimento no processo de trabalho qualificando os serviços prestados, para subsidiar ações de manutenção, promoção e prevenção à saúde e melhora nos atendimentos aos indivíduos e das populações. Pois partindo dos profissionais atuantes, além de qualificados e dedicados podem ser protagonistas de um sistema transformador facilitando as ações de trabalho e implementação de metodologias idealizadoras e vitais de recuperação.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, em busca de publicações nas bases de dados: Scielo, LILACS e Google Acadêmico, entre os anos de 2011 a 2018 usando os descritores: Educação continuada, educação em saúde, humanização, serviços hospitalares, hospital e revisão.

Como critérios de inclusão foram estabelecidos: artigos originais com resumos disponíveis on-line para *download* e publicações que abordam a Educação Permanente em Saúde.

Os critérios de exclusão foram: artigos incompletos com métodos inexistentes; artigos não aprovados ou apenas cópia digitalizada não contendo ano de publicação; artigos que não enquadravam no tema estipulado; artigos em idiomas inglês e espanhol e artigos incompletos com páginas faltantes.

DISCUSSÃO DOS CONCEITOS EM EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

Observa-se que a Educação Permanente em Saúde (EPS) seja habitualmente confundida com a Educação Continuada (EC), onde há

distinção em publicações do Ministério da Saúde (MS), as quais verificam as suas diferenças e especificam as suas ações (FIGUEREDO et al., 2014).

A EPS e a EC são formas distintas de estipular uma educação em meio trabalhista, vendo que a EC é a alienação de saberes, ministrada em cursos de forma hidrolisada, e a EPS visa à valorização do trabalhador na participação em processos de educação destinados a aprendizagem e a variação de suas ações (BARTH et al., 2014).

A EPS baseia-se na geração de ensino que resulta em metamorfose e instrução significativa, centrada no processo rotineiro de trabalho, na valorização do esforço diário como fonte de conhecimento e aprimoramento, prestigiando a articulação com a assistência à saúde, a administração e o controle social; voltada à variedade de profissionais atuantes e à interdisciplinaridade em foco, elaborada através de estratégias e técnicas eficazes de ensino reveladas as circunstâncias e participativas (FIGUEREDO et al., 2014, p. 2).

Para modificar as ações e práticas de saúde dos profissionais, sobretudo os que já estão em serviço de atendimento, a EPS foi proposta como um alicerce para a primazia em qualificar os profissionais (LIMA, 2014).

A importância da Educação Permanente em Saúde em sistemas de urgência e emergência

A EPS manifestou-se em uma conferência da Organização Pan-Americana de Saúde, em meados do ano de 70. Acabou sendo propagada pela América Latina como o trajeto mais concreto para almejar a progressão entre o trabalho e a educação para alinhamento dos sistemas de saúde, argumentando a qualificação como processo vital a compreender ao avanço da qualidade de atenção (SILVA E DUARTE, 2015).

A implementação de processos educativos deve ser fidelizada em serviços de urgência, emergência levando como fundamento a oferta de

um atendimento hábil, eficaz e qualificado para a redução de morbimortalidade dando o suporte adequado e avançado para a vida (EL HETTI et al., 2013).

A prestação de serviços de urgência e emergência é fundamental para um suporte vital de qualidade, como necessidade de capacitar e educar as equipes de saúde em todos os campos de atenção, a partir de um foco planejado, cercado toda a gestão e cuidado pré-hospitalar seja ela fixa ou móvel, abrangendo profissionais de nível superior e técnico (SOUSA; DIAS; OLIVEIRA, 2011).

Em uma pesquisa realizada com enfermeiros, observou-se a dissolução entre o ensino e o trabalho, pela falta de comprometimento, bloqueio pela privação de recursos físicos, financeiros e carência do apoio superior hierárquico para a educação. Itens que quando discutidos, restauram o envolvimento dos gestores remodelando o pensar como um todo (CAMPOS; SENA; SILVA, 2017).

Os profissionais mostram a importância do processo de EPS para a melhoria das práticas em saúde. Este é um dado animador, uma vez que percebem e valorizam a educação permanente como importante ferramenta de trabalho (COELHO et al., 2013). Nota-se que Santos (2013), afirma que os cenários de EPS objetivam a atualização desses profissionais para que assim executem suas atribuições com melhor performance.

Para Lavich (2017), o enfermeiro responsável tem o arbítrio de identificar e propor estratégias adequadas para a produção de conhecimentos recentes e atuais em busca de mudanças nas práticas de saúde. Isso pode cooperar no incentivo do profissional de enfermagem a participar das ações de EPS, as quais destacam para a problematização das necessidades dos serviços em saúde em prol da qualidade do atendimento exclusivo para a sociedade.

Ter a ação de liderança é como ter em mãos o poder de influenciar os profissionais a cumprir a tarefa de alcançar um único desejo: a promoção do processo vital e ambientes de trabalho mais vantajosos. Um

líder sensato e humano tem a chance de construir um meio de confiança, animador e promotor da segurança do paciente (SILVA et al., 2014).

Em contrapartida o setor da saúde é exclusivamente a condição de cuidado, atenção e prevenção, com relação ao ouvir, ser sentinela e tratar, isto é, uma fábrica de aprendizagens à intervenção ou interferência no percorrer da vida individual e coletiva (LIMA; ALBURQUERQUE; WENCELSAU, 2014), nota-se que:

O método de ensino-aprendizagem se fundamenta em uma exigência para a organização da consciência e da identidade do sujeito social, sendo manifesto a relevância de exercício educativo no contexto da transformação do ser em seus mais diversos aspectos. Tal ideal aponta para um aprimoramento dos serviços de saúde na compreensão de atender às necessidades dos usuários em suas diversas conexões, buscando-se assim, a efetivação de um sistema de saúde único enquanto política pública (AZEVEDO et al., 2015, p. 131).

Para Almeida et al. (2016), o processo de educação não deve limitar-se a transmissão de normas e protocolos, mas sim, um enfoque especial a experiência profissional e pessoal deve ser destacado. Silva et al. (2013), afirmam que, em geral, a participação dos profissionais da saúde nas atividades relacionadas à EPS, traz alternativas para envolver e resolver processos rotineiros, por isso, incrementarão para a transformação e as qualificações das ações, vendo que:

O vínculo entre o que se necessita e o que se propõe nos planos permite a concordância entre a teoria e prática, consentindo a montagem de planos de educação e o desenvolvimento de ações educativas mais conexas com as distintas realidades dos sujeitos envolvidos no processo. Portanto, são essas propostas que embasam, dão sustento e sentido aos planos regionais de educação e, por consecutivo, definem as concepções educativas a serem ampliadas (SILVA et al., 2013, p. 297).

Desafios para a inserção de uma Educação Permanente em Saúde em âmbito hospitalar

Signor et al. (2015), em seu estudo indaga um porém, pela presente ausência de recursos e rotatividade, dificuldades encontradas pelos gestores, para a então realização de práticas educativas, resultante da escassez do número de trabalhadores e a turbulência ocorrida nos atendimentos. Vendo que a falta de organização, readequação de escala de pessoal, horários não flexíveis, empobrecem uma assistência de qualidade e bem como o desenvolvimento de atividades educativas. Em continuidade, o trabalho assoberbado e esgotante compromete a principal ação de acolhimento ao iniciar um atendimento, seja ele classificado como atendimento emergencial ou seja, uma orientação básica à saúde do paciente. Por isso, a compreensão correta, o planejamento e o ensino precisam crescer juntos para cada profissional envolvido ao atendimento do sujeito (OLIVEIRA et al., 2015).

Para Campos; Sena e Silva (2017), os profissionais da área da saúde ainda mostram-se acuados em reconhecer as intercorrências diárias, por não ver fundamento para a aplicação de práticas educacionais, uma vez que problemas são incógnitas que se desenvolvem a partir das necessidades presentes em cada atendimento. Nessa lógica que se deve pensar na inclusão de uma EPS para que possa transformar a realidade exacerbada em algo menos complexo e consistente.

Considerando os impasses é necessário existir em um trabalho o direito assegurado, a boa remuneração, o reconhecimento pelo bom exercício demonstrado, a gerência do processo de trabalho, isento de qualquer discriminação, mas que assim, caracterize um ambiente gratificador para o investimento na educação e prosperidade do profissional humano (GOMES; BARBOSA; FERLA, 2016).

A escassez de ensino está relacionada a teoria por não ter semelhança em momento inusitado de prática, pela falta de

planejamento, sobre notar que necessita de um processo contínuo conforme as ocorrências em atendimentos, sem dúvidas o enfermeiro necessita estar envolvido constantemente em processos que seus liderados estejam comprometidos e que apresentam mais objeção (JESUS et al., 2011).

A EPS requer união e empenho de ambos profissionais, tanto líderes e liderados, para que em anexo atinjam com eficácia e empenho ao serviço à saúde. Sabendo interpretar a exigência diária do trabalho, as emoções decorrentes do esgotamento, os horários atípicos, as intermináveis jornadas de trabalho, a carência de motivação, por isso, as ações educativas devem fazer parte da realidade no cotidiano destas categorias (PEIXOTO, 2013).

A EPS para a população é substancial durante a execução do trabalho diário, seja ela prestada em um simples *check-in* de internação, ou aferição de sinais vitais, ou administração de determinado fármaco, ou alteração de decúbito, ou até mesmo de uma pré-internação, à alta do sujeito. O nível de compromisso e responsabilidade é mutuo e estimula o autocuidado e autoestima dos cidadãos. As ações de prevenção de doenças e promoção da saúde implicam na satisfatória recuperação, pela atenção qualificada e segura demonstrada durante o processo. Incluir a EPS é sustentação e solidificação de planos seguros (SIGNOR et al., 2015).

Benefícios da implementação da Educação Permanente em Saúde

Rocha (2014) enfatiza a EPS como um símbolo de transformação para o processo de trabalho, sendo encaminhado para a melhoria da qualidade dos serviços em virtude ao cuidado no acesso aos serviços de saúde. Ainda vimos que, tem por objetivo a capacitação dos profissionais envolvidos, servindo como âncora entre as esferas de gestão e controle social, que:

O Ministério da Saúde (MS) evidencia a qualidade da problematização, da atenção individual e coletiva, bem como a organização do sistema de saúde com base no rearranjo dos meios formativos, transformação de ações educativas e também de prestação assistencial à saúde (ROCHA, 2014, p. 09).

A EPS tem como proposta a mudança das estratégias organizacionais e do exercício da atenção, gestão e formação praticadas pelas equipes, considerando que a sua necessidade de implantação é relevante para a qualificação ou especialização requerida para a elevação do pensar e agir (BRASIL, 2014).

Piazza et al. (2015) mostra que a equipe de enfermagem percebe a promoção de grandes mudanças para o desempenho profissional, que remete ao crescente debate a respeito da aplicação da EPS hospitalar, como ferramenta que proporciona ao ambiente uma reflexão ao processo educativo e qualificador, de forma a identificar e visualizar os aspectos positivos e negativos que constituem o setor, trabalhando-os em prol da solidariedade com a população. Brasil (2014) relata que o apoio à estruturação de conhecimentos, habilidades e atitudes, deve ser compreendida e estudada, para ser aplicada a uma dada realidade, a um determinado momento seja ele de gestão e criação.

Para atuação como encarregado de mudanças, o trabalhador precisa ser considerado como sujeito de aprendizagem, ativo e capacitado a aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, colaborando com a construção de um sistema de saúde pública que seja, de fato, democrático e participativo (BRASIL, 2014, p.7).

Brasil (2014) intensifica que a aprendizagem apenas adquire nexo quando relacionada à sede do saber do próprio indivíduo, ao ver o quão se faz jus aprender no trabalho de maneira a enfrentar o que lhes parece inacessível e confuso, como papel estratégico a ações de educação internas e costumeiras.

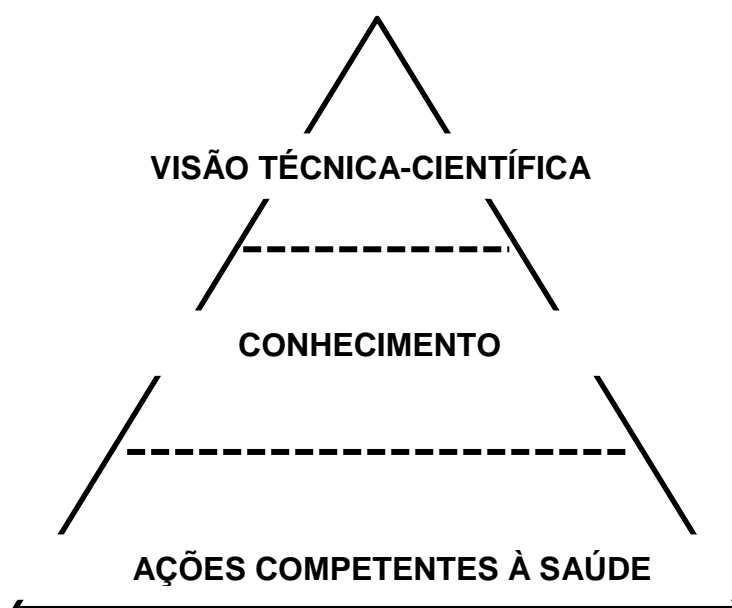
Sendo compulsório, que o enfermeiro responsável (líder), desfaça o paradigma de ensino-aprendizagem tradicional estipulando uma

educação no trabalho, buscando a inserção de seus colegas profissionais para que entendam o saber como algo inacabável e possível, que cada qual cumpra seu papel e que busquem a modificação de suas práticas e que em seu ambiente coletivo possam produzir novos modos em conduzir e exercer em saúde (BARTH et al., 2014).

O prosseguimento de competências que façam com que os profissionais convivam com a discrepância e a rapidez que o conhecimento invade o mundo moderno, tem-se constituído pela defesa da educação permanente para a formação de múltiplas dimensões dos profissionais, que tenham novos ângulos do trabalho em saúde. Os atuantes em favor à saúde devem aprender conviver com seus desafios como algo construtor e de superação diante de muitos conflitos no trabalho (SALUM E PRADO, 2014).

Com base nos dados encontrados a EPS deve agir de tal maneira aos seus receptores (profissionais de saúde), a seguir:

Figura 1: A importância da EPS na compreensão de aluno (a) de pós-graduação em Atenção ao Paciente Crítico: Urgência, Emergência e UTI, 2019.



Fonte: o autor (2019).

Na pirâmide, observa-se no ápice que, ter uma visão técnica-científica torna-se prioritária para a aplicação de um tratamento fidedigno da internação ao momento da alta/liberação hospitalar é algo indispensável e grandioso ao saber especializado e específico.

Na dimensão do conhecimento, define-se necessário ser capacitado para ter ação e cada ação quando prestada com formação, sabedoria e convicção trará resultados toleráveis às situações inesperadas diárias.

Por fim, na última dimensão, o profissional que se remete ao cuidado da saúde do próximo precisa ter ações competentes e ser regrado, onde a humildade e a disciplina sejam sua base, que o seu comportamento em determinadas ações ou situações estejam relacionadas ao aperfeiçoamento técnico-pessoal em auxílio benéfico ao próximo (BRASIL, 2018).

Atividades educativas: um desafio construtor

A EPS deve ser marcada como tática elementar à regeneração das habilidades formativas da saúde, combinando intervenções que cooperam com os setores de políticas públicas. Essa cooperação prospera para uma recomposição das ações do serviço, vendo que concebe uma conversa entre distintas instituições de ensino e missão. Quando uma conversa acontece, sem dúvidas, os sujeitos envolvidos mostram modificação. Nesse seguimento, o ensino no trabalho, em base da EPS, sinaliza que o aprender e o ensinar são sujeitos principais anexados a rotina dos benfeitores em proveito de sua destreza (CASTRO; VILAR; OLIVEIRA, 2018).

Compreende-se que a execução de EPS manifesta como um meio facilitador para os serviços prestados; todavia, estas necessitam de uma estrutura duradoura e concebida. Dessa forma, se faz necessário o estímulo contínuo e permanente na chance de inovar e questionar regularmente,

raciocinando de que uma EPS servirá como estratégia organizacional nos procedimentos de gestão e assistência (SENA et al., 2017).

A educação permanente deve ser primordial e transformador para a realização das atividades presentes, por intermédio do raciocínio de trabalhadores, indivíduos em formação, gestores e demais envolvidos. Com isso, essa recomendação pode ser vista como estudo-trabalho, pois surge a partir do habitual dos funcionários (PINTO et al., 2015).

Logo obtêm o fruto por meio de soluções em alternativas para os embaraços concretos da atualidade do trabalho dos profissionais de saúde, sustentando a formação e mutação corriqueira do meio em que prestam serviços, garantindo a credibilidade constante aos atuantes através de ações educativas de ensino e atenção, prestigiando a qualidade dos atendimentos ofertados (SILVA E DUARTE, 2015).

Tarefas educativas em meio ao campo de trabalho, montadas e adequadas conforme a necessidade de serviços prestados à comunidade, unindo suas instâncias, podem permitir mudanças aptas nas práticas de saúde. O incentivo, o apoio, a formulação e as oportunidades potencializam os níveis do saber individual e de atenção à sociedade (ANDRADE; MEIRELLES; LANZONI, 2011).

A mudança é a real intenção da pesquisa em ação. Tal mudança que acrescenta os princípios e os valores de cada profissional participante, uma relação de teoria e prática entre o ensino e ações cotidianas constantes. Em base, disso há necessidade de valorizar não apenas o conhecimento acadêmico, mas juntamente o conhecimento prático e o necessário, juntando o que o profissional sabe com o que precisa ter aprofundamento ilimitado (JESUS et al., 2011).

Educação permanente notória ao atendimento à sociedade

Entende-se que uma educação quando seguida de entusiasmo, tem mais condições de ser cumprida, juntamente com o vínculo do dia-a-

dia dos profissionais atuantes, podendo assim organizar internamente os atendimentos à saúde, potencializando o alvo e revolucionando os serviços (SANTOS; LANZA; CARVALHO, 2011). Fernandes (2011) mostra que a educação age como ferramenta de mudança e transformação dentro de uma sociedade. A conexão entre o ensino, a gestão, a atenção e o controle social englobam uma ligação de apreender a EPS. É nesse mesmo sentido que a EPS é ato desafiador, ousado e fundamental. O mais grandioso na EPS é a sua fonte na assimilação da realidade e o alvo de pôr em contrato as distintas propostas de alterar as práticas e obrar realidades vivas, modernizadas pelos diversos entendimentos da coletividade.

A reabilitação de um sujeito-paciente decorre sem dúvidas da maneira de como é introduzido em meio hospitalar, favorecendo a escolha de aguardar por um tempo infinito para ser medicado, por apresentar empatia com os profissionais tendo em mente que será adequadamente amparado. Com isso, os atuantes em meio à saúde devem mostrar um modo de zelo, para reconquistar uma confiança ausente (FERNANDES, 2011).

A proposição de uma EPS que grandiosamente vem sendo introduzida no Brasil dá enfoque ao mérito da educação em potencial para a técnica de trabalho para a sua modificação. Uma busca de qualidade, capacidade e comprometimento cerca de equipes e gestores de saúde, estimulando a criação do saber e potencializar o agir, a partir da apreciação dos sujeitos praticantes de trabalho à saúde (FREITAS et al., 2015). É visto aos usuários dos serviços de saúde, a integração das equipes, o acolhimento, o planejamento e o foco privilegiam a participação da sociedade, favorecendo as necessidades demandadas (ALAGOAS, 2018).

Freitas et al. (2015), repara assim que, a inserção de métodos ágeis acarreta a reflexão de um trabalho transformador, bonificando as mudanças consigo mesmo, com o indivíduo em busca de atendimento e com a sociedade em geral, decretando a aprendizagem como algo indispensável e agregador de bens de ensino e trajetórias após graduação.

Todavia, a discussão sobre a disfunção, modelagem, iniciação e a implementação da EPS é notória, estratificada pelos autores como alvo da realidade atual hospitalar. Perceber que a geração para tal prática demanda não apenas de um alvo, mas sim de uma colmeia onde para almejar satisfatoriamente é inútil a ação de apenas um operário, assim, a equipe multiprofissional vinculada com seus habituais conhecimentos atualizados estará contemplando com eficiência, segurança e destreza à saúde do sujeito necessitado que por si deverá ser beneficiado e ter a garantia de um atendimento sem igual

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos pelos quais a adesão da Educação Permanente em Saúde (EPS) mais prevalentes nessa revisão bibliográfica foram à melhoria dos serviços de saúde, a ampliação do conhecimento pós-acadêmico, a qualidade ao atendimento prestado, a atualização técnico-científica e o desenvolvimento assíduo às necessidades da realidade e dos objetivos traçados, em conexão de teoria e prática percorrendo unidos aos desígnios da equipe.

Tendo a EPS como protagonista nas ações habituais dos profissionais de saúde, com o conhecimento dessa educação será possível propor ações na instituição hospitalar, sensibilizando e facilitando a mudança de hábitos no ambiente de trabalho, aprendizagem e melhoria nos serviços de saúde, ultrapassando para o convívio multiprofissional e ao indivíduo.

Além disso, essas informações geram entendimento para fortalecer a prática e o saber em resposta à sociedade no desafio a favor da concepção das EPS.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado de Saúde de Alagoas (SESAU/AL.) Guia de Educação Permanente em Saúde (EPS). Gerência Executiva de Valorização de Pessoas (GEREVP), Gestão de Desenvolvimento e Educação em Saúde (GDES), Comissão de Integração Ensino Serviço Estadual. Maceió, Alagoas, 2018.

ALMEIDA, J. R. S. et al. Educação permanente em saúde: uma estratégia para refletir sobre o processo de trabalho. **Revista da ABENO**, v. 16, n. 2, p. 07-15, 2016.

ANDRADE, S. R.; MEIRELLES, B. H. S.; LANZONI, G. M. M. Educação permanente em saúde: atribuições e deliberações à luz da política nacional e de pacto de gestão. **Revista o Mundo da Saúde**, v. 35, n. 4, p. 373-381, 2011.

AZEVEDO, I. C. et al. Educação continuada em enfermagem no âmbito da educação permanente em saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 8, n. 1, p. 131-140, 2015.

BARTH, P. O. et al. Educação permanente em saúde: concepções e práticas de enfermeiros de unidades básicas de saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 604-611, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Educação Permanente em Saúde: um movimento de novas práticas no Ministério da Saúde: Agenda 2014. Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos. – 1.ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Planejamento das Ações de Educação Permanente em Saúde no Sistema Único de Saúde: Orientações / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde - Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CAMPOS, K. F.; SENA, R. R.; SILVA, K. L. Educação permanente nos serviços de saúde. **Educação em serviço**, v. 21, n. 4, p. 01-10, 2017.

CASTRO, J. L.; VILAR, R. L. A.; OLIVEIRA, N. H. S. As trilhas e os desafios da gestão do trabalho e da educação na saúde, Natal/RN, p. 233, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25010?!!locale=en>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

COELHO, G.M.P. et al. Educação permanente em saúde: experiência dos profissionais do serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista Enfermagem em Foco**, v. 3,4, n. 4, p. 161-163, 2013.

EL HETTI, L. B. et al. Educação permanente/continuada como estratégias de gestão no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 973-82, 2013.

FAGUNDES, N. C. et al. Educação permanente em saúde no contexto do trabalho da enfermeira. **Revista Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 1-6, 2016.

FERNANDES, A.M. Educação permanente em unidades de urgência e emergência: do significado à prática. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, São Paulo, 2011.

FIGUEREDO, R. C. et al. Desafios e perspectivas na educação permanente em saúde desenvolvida na atenção primária: uma revisão bibliográfica. **Revista Científica do ITPAC**, v. 7, n. 4, p. 01-07, 2014.

FREITAS, C. M. et al. Uso de metodologias ativas de aprendizagem para a educação na saúde: análise da produção científica. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 13, n. 1, p. 117-130, 2015.

GOMES, L.B; BARBOSA, M. G.; FERLA, A. A. A educação permanente em saúde e as redes colaborativas: conexões para a produção de saberes e práticas. **Rede UNIDA**, 2016.

JESUS, M. C. P. et al. Educação permanente em enfermagem em um hospital universitário. **Revista da Escola de Enfermagem**, v. 45, n. 5, p. 1229-1236, 2011.

LAVICH, C.R.P. et al. Ações de educação permanente dos enfermeiros facilitadores de um núcleo de educação em enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, v. 1, n. 38, p. 1-6, 2017.

LIMA, S. A. V.; ALBUQUERQUE P. C.; WENCESLAU L. D. Educação permanente em saúde segundo os profissionais da gestão de Recife, Pernambuco. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 425-441, 2014.

MICCAS, F. L.; BATISTA, S. H. S. S. Educação permanente em saúde: metassíntese. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 1, p. 170-185, 2014.

OLIVEIRA, S. N. et al. Unidade de pronto atendimento – UPA 24H: percepção da enfermagem. **Revista Texto Contexto Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 238-244, 2015.

PEIXOTO, S. et al. Educação permanente, continuada e em serviço: desvendando seus conceitos. **Revista Enfermeria Global**, v. 1, n. 29, p. 324-340, jan. 2013.

PIAZZA M. et al. Educação permanente em unidades de pronto atendimento 24 horas: necessidade e contribuição à enfermagem. **Journal of Health Informatics**, v. 5, n. 1, p. 47-54, 2015.

PINTO J. R. et al. Educação permanente: reflexão na prática da enfermagem hospitalar. **Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 155-165, 2015.

ROCHA, M.D.S. A importância da Educação Permanente para a Equipe de Enfermagem em um Serviço de Urgência e Emergência. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SALUM, N. C.; PRADO, M. L. A educação permanente no desenvolvimento de competências dos profissionais de enfermagem. **Revista Texto & Contexto de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 301-308, 2014.

SANTOS, A.C. Educação Permanente em um Serviço de Urgência e Emergência. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SANTOS, E. R.; LANZA, L. M.; CARVALHO B. G. Educação Permanente em Saúde: a experiência do serviço social com Equipes Saúde da Família. **Revista Textos & Contextos**, v. 10, n. 1, p. 16-25, 2011.

SENA, R. R. et al. Educação permanente nos serviços de saúde: atividades educativas desenvolvidas no estado de Minas Gerais, Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 2, p. 01-07, 2017.

SIGNOR, E. et al. Educação permanente em saúde: desafios para a gestão em saúde pública. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 5, n. 1, p. 01-11, 2015.

SILVA, D. S. J. R.; DUARTE, L. R. Educação permanente em saúde. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 17, n. 2, p. 104-105, 2015.

SILVA, D.S. et al. A liderança do enfermeiro no contexto dos serviços de urgência e emergência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 16, n. 1, p. 211-219, 2014.

SILVA, K. L.; MATOS, J. A. V.; FRANÇA B. D. A construção da educação permanente no processo de trabalho em saúde no estado de Minas Gerais, Brasil. **Educação Permanente no Trabalho Em Saúde**, v. 21, n. 4, p. 1-8, 2017.

SILVA, L. A. A. et al. Educação permanente em saúde na ótica de membros das comissões de integração ensino-serviço. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 3, n. 2, p. 296-306, 2013.

SOUSA, F. P.; DIAS, A. A.; OLIVEIRA, A. P. S. Educação continuada em serviço de Urgência e Emergência. **Ensaio e Ciência Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 15, n. 3, p. 138-146, 2011.

TOBASE, L. et al. Ensino à distância na educação permanente em Urgência e Emergência. **Journal of Health Informatics**, v. 4, p. 125-129, 2013.